PODER E CONHECIMENTO EM PLÍNIO, O VELHO

Thiago David Stadler¹

Resumo: Neste artigo propomos algumas reflexões sobre a aliança entre *poder* e *conhecimento* no período do principado romano. A ênfase é dada para Plínio, o Velho e sua obra História Natural escrita nos anos 70 d.C. e dedicada ao futuro imperador romano, Tito. Buscamos destacar a complexa interação entre as obras escritas e o contato com o exercício do poder político.

Palavras-Chave: Poder; Conhecimento; História Natural.

POWER AND KNOWLEDGE IN PLINY THE ELDER

Abstract: In this article we reflect about the alliance between *power* and *knowledge* in the time of the roman principate. The emphasis is given to Pliny the Elder and his work called Natural History written in 70 a.D. and dedicated to the future roman emperor, Titus. We aim to highlight the complex interaction between the written works and the contact with the exercise of the political power.

Keywords: Power; Knowledge; Natural History.

Quando reparamos no panorama político de nossos dias uma dolorosa marca nos é exposta: a progressiva separação entre os indivíduos de ação e àqueles que outrora eram chamados de intelectuais. Um dos motivos desta separação repousa nas cansativas discussões sobre as distinções entre teoria e prática que invadiram nossos dias e foram suficientemente eficazes para nublar os reais problemas enfrentados no âmbito da política. Se de um lado evoca-se a 11^o tese de Karl Marx com a ânsia e a exigência de *transformar* o mundo, do outro lado a postura é a de que toda transformação exige um forte pensar fundador e a correlata compreensão de mundo para, posteriormente, transformar, dominar, alterar, agir. Constrói-se um cabo de forças em que a *prática* e a *teoria* tornam-se inimigas e irreconciliáveis.

¹ Graduação e mestrado em História pela UFPR. Cursa o último ano do doutorado em História pela UFPR. Professor efetivo do Colegiado de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná campus União da Vitória. E-mail: thibastadler@gmail.com

Surge então a dúvida: o exercício político é visto de forma negativa somente pelo fato de que no plano das teorias ele funciona tão bem? Do outro lado, as teorias políticas nos soam tão perfeitas graças à deterioração política que vemos em exercício? Não ambicionamos resolver estes impasses que dominaram as discussões entre idealistas e materialistas por tanto tempo, mas propomos explorar alguns pontos da política que nos ajudam a repensar o nosso fugidio tempo. Para isto, talvez o momento seja propício à recuperação de alguns pensadores clássicos que em nossa doentia fixação pelo presente e pela novidade foram deixados no esquecimento.

Dessa maneira, provocados pela temática deste dossiê – *Intelectuais e poder político na Antiguidade* – trazemos uma leitura da História Natural de Plínio, o Velho em que focamos as discussões em torno do embate entre *poder* e *conhecimento*. Notem que muito se assemelha ao que hoje se chama prática x teoria, contudo ao pensarmos naqueles termos nossas reflexões ganham em profundidade. Enquanto *prática* fica ligada à maneira habitual de proceder, ou mesmo à aplicação de regras e princípios que seriam previamente *teorizados* – expondo a abissal distinção construída em nossos dias – o conceito de *poder* só pode ser entendido ao se levar em consideração três pontos distintos: 1º) quem o exerce; 2º) quem está sujeito; 3º) onde ele age². Não se trata de uma fórmula matemática em que basta substituir os espaços por grandes nomes ou localidades e assim teríamos uma resposta aos problemas políticos. Se assim o fosse bastaria trabalhar com a noção de *prática* aliada a certo mecanicismo tecnológico.

Assim, para se compreender a complexa dinâmica política-social é preciso que conceitos como os de *poder* e *conhecimento* não sejam vistos isoladamente. Resumir o “quem exerce” a um indivíduo ou a uma instituição; o “quem está sujeito” a um grupo de pessoas ou a uma multidão; e o “onde ele age” a grandes conceitos como o de sociedade torna-se um erro epistemológico e que pode desembocar em desacertos sociais. Basta entendermos que a interação entre indivíduo, sociedade e história é

² BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política – vol.2*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 12º Ed., 2004, p.934.

perpassada por mitos, imagens, visões de mundo, discursos, crenças e tradições que tornam o exercício do poder e do conhecimento múltiplo. Logo, o *poder* não se limita ao uso da força física, como poderíamos deduzir num primeiro momento, mas são numerosas as formas com que ele aparece no todo social: através da riqueza, da amizade, do carisma, das virtudes, etc.

Talvez uma das formas mais eficazes em que o *poder* é exercido repouse, justamente, no *conhecimento*. Por isso que a riqueza conceitual ao se abordar questões de política nos termos de *poder/conhecimento* ultrapassa o nosso atual fetiche *prática/teoria*. Não se valida à expressão “uma das formas mais eficazes da *prática* é a *teoria*”, pois tais conceitos foram pensados em oposição. Justamente estas distinções nos alertam para aquilo que afirmamos no início deste artigo: a separação entre homens de ação – representando a *prática* - e os intelectuais – representando a *teoria*. Percebe-se que a radical distinção não se mantém tão clara quando pensamos em indivíduos que estivessem vinculados a certo tipo de poder constituído como conhecimento. Em nosso estudo, este *poder* é definido dentro dos parâmetros de um saber literário que visava à utilidade e era exercido por um cidadão envolto em diversas atividades imperiais.

Desse modo, a figura de um homem de ação separada da figura de um intelectual era impensável: o *conhecimento* estava a serviço do *poder*, enquanto o *poder* legitimava o *conhecimento*. Reafirmamos: a concepção da *prática* como algo além do simples fazer, assim como o da *teoria* como algo que não se descansa na imobilidade são pontos que distinguem os antigos dos contemporâneos. A partir desta afirmação temos uma boa ideia de como Plínio, o Velho – um *antigo* – se posicionou diante das relações entre *poder* e *conhecimento*. A sua *História Natural* vista como uma obra literária poderia ser interpretada apenas como uma representante do *conhecimento* de seu tempo. Todavia, quando analisada dentro do contexto específico de um século I d.C. tal percepção carece de sustentação, visto a forte marca de *poder* que ela carrega. Assim, nada de imobilidade teórica nem de simples fazer pode ser percebido nas letras plinianas. Vejamos uma passagem da *História Natural* que nos ajuda nestas discussões:

De minha parte, sou da opinião de que um lugar especial na aprendizagem pertence àqueles que têm preferido o serviço útil de superar as dificuldades à popularidade de agradar. Eu já tenho praticado em outras obras. E por isso declaro que me surpreendo quando Tito Lívio, o célebre autor, em determinado volume de sua 'História' que começa a partir da fundação da cidade, tenha começado dizendo: 'Já alcancei glória o suficiente e poderia apenas descansar, não fosse minha alma inquieta que encontra seu sustento no trabalho'. Porque deveria ter composto estes escritos para a glória do povo conquistador do mundo e do nome de Roma, e não da sua própria glória. Maior seria o mérito de ter perseverado por amor ao seu trabalho, não por causa de sua própria paz de espírito, e ter oferecido seu serviço ao povo romano e não a si mesmo.³

Diversos pontos nos chamam a atenção nesta passagem do Prefácio-Epistolar pliniano. Já nas primeiras linhas entendemos como Plínio definia o papel do *conhecimento* – visto aqui vinculado à noção de aprendizagem: um indivíduo deve preferir algo útil à noção de aprazível. Despontam, em seguida, suas críticas ao clássico pensador romano Tito Lívio que, nas palavras de Plínio, invertera a lógica do trabalho intelectual preferindo glórias pessoais às glórias de Roma. Precisamente os critérios de julgamento que Plínio utiliza nesta passagem são os de moralidade e utilidade social⁴. Além destes critérios não podemos retirar do horizonte de nossas análises que a História Natural foi dedicada ao futuro imperador romano, Tito – filho de Vespasiano. Daí a necessidade em contemplar certos *topoi* discursivos colocando-se ao lado de um dos homens mais importantes de seu período.

Se Tito e, por conseguinte, os flavianos, gozavam de poderes políticos cabia a Plínio, o Velho apresentar uma obra recheada dos mais diversos conhecimentos e pelo seu caráter útil dotada de convencimento, noutra palavra, de poder. Talvez estas relações são as que mais nos causam

³ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 16*: “*Equidem ita sentio, peculiarem in studiis causam eorum esse qui difficultatibus vietis utilitatem iuvandi praetulerunt gratiae placendi; idque iam et in allis operibus ipse feci, et profiteor mirari T. Livium, auctorem celeberrimum, in historiarum suarum quas repetit ab origine urbis quodam volumine sic orsum: satis iam sibi gloriae quaesitum, et potuisse se desiderare, ni animus inquiet pasceretur opere. Profecto enim populi gentium victoris et Romani nominis gloriae, non suae, composuisse illa decuit; maius meritum esset operis amore, non animi causa, perseverasse, et hoc populo Romano praestitisse, non sibi*”.

⁴ OLIVEIRA, Francisco de. *Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986, p.108.

estranheza, pois imaginamos que um imperador – futuro imperador neste caso – não necessitava de suportes literários para exercer o poder. Da mesma forma, não vislumbramos um homem das letras com poder o suficiente para influenciar, através de seus escritos, os posicionamentos de um imperador – dificuldade agravada em nossos tempos!

Talvez uma das mais belas passagens literárias da antiguidade possa nos ajudar neste momento. Em uma das epístolas de Plínio, o Jovem – sobrinho de Plínio, o Velho – entendemos a força de uma obra de história nos tempos do principado romano. Aqui é preciso apenas uma nota: entendemos a História Natural como uma obra de história e não como uma enciclopédia. Cientes de que até o século XVI a obra foi entendida como um guia, um manual, uma enciclopédia de consulta permanente nos mais diversos meios culturais da Europa ocidental e América aqui, em nosso trabalho, lembramos que o termo “enciclopédia” é construído apenas na Modernidade. Se os leitores da História Natural teimam em aproximar a expressão grega *enkýklios paideia* ao termo “enciclopédia” nós não o fazemos. Tomando por base que a palavra grega *enkýklios* se refere a “usual, corrente, vulgar, trivial, diário, circular” e *paideia* a “educação, formação” nada mais distante do que uma educação diária/circular e uma educação enciclopédica – nos termos modernos. Fora este ponto tem-se a ciência de que um texto enciclopédico deve visar à funcionalidade, ou seja, uma das características fundamentais de uma enciclopédia é a de informar e separar o ordinário do extraordinário, característica esta não encontrada na História Natural. Justamente uma das marcas mais visíveis da obra pliniana é a forte presença do maravilhoso – *mirabilia* – mesclado com assuntos considerados úteis e sérios.

Feito este comentário sobre o gênero da obra retomamos a discussão a respeito da epístola de Plínio, o Jovem. Se as palavras de Plínio, o Velho tiveram *poder* de transformação graças ao *conhecimento* por elas repassado não temos como afirmar categoricamente. Contudo, com a ajuda de seu sobrinho levantamos algumas pistas:

Assim, vivo pensando dia e noite: 'se de algum modo eu poderia superar a existência terrena', isto, na verdade, seria suficiente para saciar minha ânsia, e acima dela estaria o fato de 'retornar, vencedor, através dos lábios da humanidade'...Oh! sim...Mas o que preciso é o que só um trabalho histórico pode prometer; pois a oratória e a poesia concedem pouca fama, se não alcançam a suma perfeição, porém as obras de gênero histórico, escritas de qualquer modo, causam deleite. (...) Por outra parte, impulsiona-me a empreender este esforço [escrever uma obra histórica] o exemplo de minha própria família: meu tio (a quem considero, por adoção, como meu pai) deixou obras históricas e, na verdade, de grande difusão.⁵

No final da citação percebemos a presença de Plínio, o Velho como exemplo a ser seguido – ao menos por seu sobrinho. As obras de seu tio teriam gozado de grande alcance e, dessa forma, atingido aquilo que todo escritor/intelectual independente do tempo em que vive almeja: a *imortalidade*. Se vencer a morte física é algo impossível, retornar vitorioso nos lábios da humanidade é transcender a existência humana através das palavras. Outro ponto de contato entre *poder* e *conhecimento* surge: o poder político como expressão da força, controle, dominação física não superava a finitude da vida. Já o poder das palavras bem escritas e usadas causavam deleite e proporcionavam os louros da memória. Assim, ao propor uma obra de história que transbordava características tipicamente romanas, assim como dedicá-la ao futuro imperador, Plínio dava à sua obra força suficiente para propagar seus ideais e suas ideias.

Cabe agora analisar um pequeno trecho de abertura da História Natural que nos provoca a certas reflexões a respeito da propagação de *conhecimentos* vinculado ao *poder* de um *intelectual*. São estas palavras que abrem a obra pliniana: “Estes livros de História Natural, nascidos de meu último trabalho e que são uma tarefa nova para as Musas de seus cidadãos,

⁵ Plínio, o Jovem. *Epístola. V,8*: “Itaque diebus ac noctibus cogito, si 'qua me quoque possim tollere humo'; id enim voto meo sufficit, illud supra votum 'victorque virum volitare per ora'; 'quamquam o-': sed hoc satis est, quod prope sola historia polliceri videtur. 4 Orationi enim et carmini parva gratia, nisi eloquentia est summa: historia quoquo modo scripta delectat. (...)Me vero ad hoc studium impellit domesticum quoque exemplum. 5 Avunculus meus idemque per adoptionem pater historias et quidem religiosissime scripsit”.

resolvi oferecê-los a ti com esta epístola informal”⁶, Plínio nos fornece ao menos três pontos relacionados ao jogo *poder/conhecimento* de um intelectual na Antiguidade:

1º) Inferimos da afirmação de Plínio que a NH não era sua única obra (amplitude do conhecimento de Plínio)

A relevância desta constatação diz respeito ao entendimento do que era um intelectual no período do principado romano. Plínio afirma em seu Prefácio que um homem como ele dedicava os dias ao Império e às noites aos estudos, ou seja, todo *conhecimento* não era afastado do exercício de suas atividades enquanto cidadão romano. Tão importante quanto os escritos era a inserção política nos meandros do cotidiano imperial. Em relação aos escritos plinianos apenas a História Natural chegou até os nossos dias, contudo sua produção foi rica e intensa. Valemos-nos de outra epístola de Plínio, o Jovem para recordar tais produções:

Alegro-me de que estejas lendo com tanta diligência as obras de meu tio, ao ponto de que gostaria de conhecer quais são elas. Como pode a lista complete, escrevo a ti na ordem em que estas foram escritas, pois esta informação é do agrado dos eruditos: 1ª) *Sobre o lançamento de dardos à cavalo*, em um volume, que compôs com igual dedicação e cuidado enquanto servia como *praefectus* da cavalaria; 2ª) *Sobre a vida de Pomponio Secundo*, em dois volumes. *Pomponio* era muito bem quisto por meu tio e, por isso, rendeu-lhe esta homenagem póstuma à memória de seu amigo; 3ª) *Das guerras com os germanos*, em vinte volumes, nos quais reuniu as histórias de todas as guerras que com esse povo passamos (...); 4º) *Sobre os eruditos*, em três volumes, nos quais forma o orador desde o início até o seu ápice; 5º) *Problemas da língua*, em oito volumes. Escrito no último ano de Nero, quando a dedicação aos estudos se fazia perigoso em qualquer gênero de estudo livre e elevado; 6º) *Continuação da história de Aufidio Basso*, em trinta e um volumes; 7º) *História Natural*, em trinta e sete volumes. Obra extensa e erudita, não menos variada que a própria natureza (...).⁷

⁶ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 1*: “*Libros Naturalis Historiae, novicium Camenis Quiritium tuorum opus, natos apud me proxima fetura licentiore epistula narrare constitui tibi*”.

⁷ Plínio, o Jovem. *Epístola III,5*. “*Pergratum est mihi quod tam diligenter libros avunculi mei lectitas, ut habere omnes velis quaerasque qui sint omnes. Fungar indicis partibus, atque etiam quo sint ordine scripti notum tibi faciam; est enim haec quoque studiosis non iniucunda cognitio. De iaculatione equestri unus; hunc cum praefectus alae militaret, pari ingenio curaque composuit. De vita Pomponi Secundi duo; a quo singulariter amatus hoc memoriae*

A partir da leitura de outras fontes é possível afirmar que quase todas as obras escritas por Plínio, o Velho atingiram um bom número de leitores em seu próprio tempo. Por exemplo: *Das guerras com os germanos* foi utilizada por Tácito⁸ em seus *Annales* e no *De Viris Illustribus* de Suetônio – parte dedicada aos historiadores *De Historicis*. De Suetônio temos outra descrição que acompanhou o cabeçalho de diversas edições posteriores da *História Natural*, por exemplo, a de Leipzig 1880. Nela lemos:

Plínio originário de Como, exerceu com diligência os cargos militares próprios dos equestres, e desempenhou sem interrupção, de forma íntegra e esplêndida, cargos de procurador; também deu grande atenção aos estudos liberais que mesmo os que gozavam do ócio pleno não escreveram tanto quanto ele. Por exemplo, escreveu 20 volumes sobre todas as guerras contra os Germanos, além dos trinta e sete volumes da *História Natural*. Perdeu sua vida no desastre da Campania. Estava comandando a frota de Miseno durante a erupção do Vesúvio e investigava o fenômeno que ali ocorria, mas foi incapaz de voltar devido aos fortes ventos. Ele foi sufocado pela poeira e cinzas, embora alguns pensem que foi morto por um escravo, a quem pediu para apressar o seu fim, quando foi dominado pelo intenso calor.⁹

amici quasi debitum munus exsolvit. 'Bellorum Germaniae viginti'; quibus omnia quae cum Germanis gessimus bella collegit. Incohavit cum in Germania militaret, somnio monitus: astitit ei quiescenti Drusi Neronis effigies, qui Germaniae latissime victor ibi periit, commendabat memoriam suam orabatque ut se ab iniuria oblivionis assereret. 'Studiosi tres', in sex volumina propter amplitudinem divisi, quibus oratorem ab incunabulis instituit et perficit. 'Dubii sermonis octo': scripsit sub Nerone novissimis annis, cum omne studiorum genus paulo liberius et erectius periculosum servitus fecisset. 'A fine Aufidi Bassi triginta unus.' 'Naturae historiarum triginta septem', opus diffusum eruditum, nec minus varium quam ipsa natura (...)'".

⁸ Novamente temos nas epístolas de Plínio, o Jovem um testemunho sobre o interesse de Tácito acerca da vida de Plínio, o Velho. Na carta VI, 16 Plínio, o Jovem relata a morte de seu tio à Tácito, mas o faz pensando na conservação da imagem e da memória de seu tio: “Pedeme que narres a morte de meu tio para que possas deixar um relato verídico para a posteridade. Agradeço-te, pois não tenho dúvida que se a morte de meu tio for tratada por ti, terás uma glória imortal (...) Você seleciona o mais importante [do que fora relatado], pois uma coisa é escrever uma carta e outra uma história, uma coisa escrever para um amigo e outra para todos”. Lemos no original: “*Petis ut tibi avunculi mei exitum scribam, quo verius tradere posteris possis. Gratias ago; nam video morti eius si celebretur a te immortalē gloriam esse propositam (...) Tu potissima excerpēs; aliud est enim epistolam aliud historiam, aliud amico aliud omnibus scribere*”.

⁹ Suetônio. *De Viris Illustribus*: “*PLINIUS SECUNDUS Novocomensis equestribus militibus industrie functus procuraciones quoque splendidissimas et continuas summa integritate administravit, et tamen liberalibus studiis tantam operam dedit, ut non temere quis plura in otio scripserit. Itaque bella omnia, quae unquam cum Germanis gesta sunt, XX voluminibus comprehendit, itemque "Naturalis Historiae" XXXVII libros absolvit. Periit clade Campaniae; cum enim Misenensi classi praeesset et flagrante Vesubio ad explorandas propius causas*

A partir dos escritos enumerados por Plínio, o Jovem e as informações aqui apresentadas por Suetônio percebe-se que Plínio, o Velho gozava de boa condição intelectual e, por conseguinte, colocava-se como um interlocutor cultural do início do principado romano. Entretanto, somente a destacada condição literária não era o suficiente para contemplar a plenitude de um homem tipicamente romano do século I d.C. Se os escritos plinianos atingiram vários leitores isto também se deve às funções públicas por ele exercidas.

Das simples frase de abertura de seu Prefácio-Epistolar tiramos conclusões que nos levam ao *cursus honorum* de Plínio, pois a posição de intelectual exigia outras funções ligadas ao exercício político – cada vez mais a nossa dicotomia *prática x teoria* fica empobrecida diante das discussões da Antiguidade. Plínio pertenceu à ordem dos equestres e começou sua carreira na Germania Inferior e Superior ocupando diversos cargos de oficial do exército – às ordens de Domício Corbulão, Pompônio Paulino, Duvio Avito e Pompônio Segundo, esse último, inclusive, ganhou uma biografia escrita por Plínio. As idas e vindas entre Germania Inferior e Superior podem ser divididas em três momentos específicos¹⁰:

1º) Germania Inferior: Plínio esteve no território de Ubii, mas precisamente a leste da foz do rio Reno. Deste período encontramos na NH algumas descrições sobre as condições terríveis das tribos locais, assim como alguns comentários sobre grandes árvores que cresciam nas margens do rio causando problemas para as embarcações romanas – “quando pareciam estar impulsionados pelas ondas [as embarcações] (...) foram inevitavelmente obrigadas a se envolver em uma batalha naval com árvores”.¹¹ Aqui temos a afirmação de que se tratava do período de

liburnica pertendisset, nec adversantibus ventis remeare posset, vi pulveris ac favillae oppressus est, vel ut quidam existimant a servo suo occisus, quem aestu deficiens ut necem sibi maturaret oraverat”.

¹⁰ MILLAR, Fergus. *Pliny the Procurator*. Harvard Studies in Classical Philology, vol.73, 1969, p.205-206.

¹¹ Plínio, o Velho. *NH. 16.2:* “*cum velut ex industria fluctibus agerentur in proras stantium noctu inopesque remedii illae proelium navale adversus arbores inirent”.*

campanha de Domício Corbulão contra os caúcos no ano 47 – envolveu batalhas navais;

2º) *Germania Superior*: Plínio comenta sobre os ventos quentes de *Aquae Mattiacae* sobre o Reno até Moguntiacum e também nos fala sobre os peixes da região. Aqui Plínio esteve entre os anos de 50 e 52 acompanhado de seu amigo Pompônio Segundo;

3º) *Germania Inferior*: parece ser neste terceiro momento que houve o encontro entre Plínio e o filho de Vespasiano, Tito – para quem a NH foi dedicada. No prefácio da obra Plínio nos dá a pista: “és um bom companheiro em nossos acampamentos [militares]!”.¹² Aqui, Fergus Millar apresenta um rápido cálculo da faixa etária de Tito (nascido em 30 de dezembro do ano 39) e concordamos que a data mais possível da estada de Plínio e Tito na *Germania Inferior* tenha sido entre os anos de 57 e 58 servindo à Dúvio Avito. Interessante apontar que na NH Plínio relata um eclipse solar que teria acontecido na Campania em abril de 59, ou seja, ainda é possível encontrar problemas cronológicos quanto a ocupação dos cargos de Plínio– “Um eclipse solar aconteceu no dia 30 de abril no consulado de Vipstanus e Fonteius há alguns anos atrás e foi visível na Campania entre 13 e 14 horas”.¹³

Vimos que entre 46 e 58/59 Plínio exerceu três postos de *procurator*, mas também ficou cerca de quatro anos “afastado” – no período entre sua saída da *Germania Superior* e sua volta à *Germania Inferior* – sendo provável que tenha retornado ao seu regimento de cavalaria. Nota-se que foi no período do imperador Nero (54-68 d.C.) que se deu o retiro dos cargos militares e, possivelmente, Plínio retornou algum tempo à sua cidade natal de Como¹⁴ para redigir sua obra de gramática e de oratória. Nota-se que este afastamento do mundo político deveu-se a predisposição negativa de Plínio diante dos imperadores Júlio-Claudianos – talvez com exceção do

¹² Plínio, o Velho. *NH. Praef. 3*: “*et nobis quidem qualis in castrensi contubernio!*”.

¹³ Plínio, o Velho. *NH. 2.180*: “*solis defectum Vipstano et Fonteio coss., qui fuere ante paucos annos, factum pridie kalendas Maias Campania hora diei inter septiman et octavam sensit*”.

¹⁴ *Novum Comum* – extremo sul do *Lacus Larius*.

próprio Cláudio¹⁵. Caso contrário a aliança entre *poder político* e *conhecimento* deveria manter-se. Desse modo, a dita amplitude de conhecimento pliniano estava ligada ao exercício de suas funções no principado, pois um *intelectual* deveria colocar seus conhecimentos a serviço do todo romano.

2º) *O ineditismo da obra e o envolvimento com as Musas.*

Na frase de abertura da obra lemos “os livros da História Natural (...) são um trabalho novo para as Musas de seus cidadãos romanos”. Duas possibilidades de leitura aparecem: a) Plínio apresentava sua nova obra também para as Musas dos romanos; b) a História Natural era um trabalho novo *até mesmo* para as Musas dos romanos. Ambas as possibilidades colocam as Musas longe daquele ideal homérico – *tudo sabem* –, pois o trabalho de Plínio ganhava destaque diante dos saberes das Musas. Apesar de sabermos que o recurso ao ineditismo acompanha diversos escritos da Antiguidade – um *tópos* literário – lembramos que Plínio em seu Prefácio também afirma que nenhum romano e nenhum grego construiu um “tesouro” literário como o dele - dando crédito para alguns gregos que trataram de *alguns* assuntos que ele apresentou na NH, mas ninguém trabalhou com *todos* os temas em apenas uma obra (NH. Praef. 14).

Aceitar prontamente que a obra pliniana é um exemplar do mais puro ineditismo, ou como ele mesmo afirma, voltado à “dar novidade ao velho, autoridade ao novo, brilho ao antiquado, luz ao escuro, graça ao tedioso, credibilidade ao duvidoso”¹⁶ é uma inocência que não cabe mais nos estudos historiográficos contemporâneos. Contudo, se os *conhecimentos* acerca da natureza divulgados na História Natural não se mostram tão inovadores – as Musas com certeza já os dominavam! – talvez um traço de

¹⁵ OLIVEIRA, Francisco de. Op.cit., p.51.

¹⁶ Plínio, o Velho. NH. Praef. 15: “*res ardua vetustis novitatem dare, novis auctoritatem, obsoletis nitorem, obscuris lucem, fastiditis gratiam, dubiis fidem*”.

sensibilidade renove nossas discussões sobre *poder e conhecimento*.

Vejamos:

Terás uma prova deste meu empenho ao ver que em todos os volumes adicionei os nomes dos meus autores. És, penso eu, uma coisa agradável e demonstra simplicidade e modéstia ao reconhecer os autores de quem você se beneficiou, coisa que não fizeram, em sua maior parte, os escritores que eu manejei. Porque, tens que saber que comparando autores, descobri que os mais apreciados entre os contemporâneos transmitem literalmente os mais antigos sem nomeá-los.¹⁷

Esta postura adotada por Plínio encontra-se expressa na segunda parte da História Natural que, convenientemente, chama-se de *índice*, mas refere-se ao Livro I das edições contemporâneas. Percebemos que as palavras de Plínio visam a expor ao ridículo diversos intelectuais contemporâneos a ele, pois seriam apenas repetidores dos antigos. Como marca de simplicidade e modéstia Plínio expôs suas fontes aos possíveis leitores – principalmente ao leitor escolhido, Tito. Ao abordar o Livro I saltam aos olhos cerca de 320 nomes de autoridades estrangeiras (*externis*) – quase exclusivamente gregas – e aproximadamente outras 130 autoridades latinas (*ex auctoribus*). Aqui preferimos chamá-los de autoridades, visto que nem todos os nomes que lá aparecem se remetem a autores de obras escritas.

Estas autoridades aparecem em todos os trinta e sete volumes da História Natural ora ironicamente, criticamente ora de forma elogiosa, respeitosa. Nomes como Catulo, Cícero, Lucílio, Virgílio, Mânio Pérsio, Catão, o Censor, Aufídio Basso, Lúcio Cipião Asiático, Tito Lívio, Domício Pisão, Varrão, Platão, Apião, o Gramático, Diodoro, Asínio Polião, Planco, Valério Sorano, Homero, Teofrasto aparecem no Prefácio-Epistolar compondo o lado literário desta divisão. Ao citar tantos nomes consagrados em suas áreas do conhecimento – no caso dos nomes anteriormente citados,

¹⁷ Plínio, o Velho. *NH. Praef .21*: “*argumentum huius stomachi mei habebis quod his voluminibus auctorum nomina praetexui. Est enim benignum (ut arbitror) et plenum ingenui pudoris fateri per quos profeceris, non ut plerique ex his quos attigi fecerunt. Scito enim conferentem auctores me deprehendisse a iuratissimis et proximis veteres transcriptos ad verbum neque nominatos*”.

todos aparecem num curto espaço de 10/11 laudas na versão atual – percebemos que os traços de “simplicidade e modéstia” transformam-se rapidamente numa imposição legitimadora através da literatura. Novamente a aliança entre *poder* e *conhecimento* mostra sua complexidade, pois ao nomear a imensa gama de autores utilizados, Plínio expunha sua erudição e deixava claro que criticá-lo significava deparar-se com outros gigantes da tradição grega e latina. O *poder* de sua obra repousava na legitimidade dos grandes pensadores do passado e pesava nos ombros do futuro imperador – para quem a obra fora dedicada. Plínio mesclou o *poder da tradição* com o *poder do presente* e, conseqüentemente, com o *poder do seu conhecimento*.

3º) A História Natural foi dedicada ao futuro imperador.

Esta constatação encerra nossa análise sobre a frase de abertura da obra pliniana: “Estes livros de História Natural (...) resolvi oferecê-los a ti com esta epístola informal”. Para as discussões sobre *poder* e *conhecimento* ganhar sentido é preciso entender o outro lado da moeda. Aqui se torna clara a afirmação sobre os três momentos de análise do conceito de *poder*: 1º) quem o exerce; 2º) quem está sujeito; 3º) onde ele age. Até então o *poder* apresentado por nós foi exercido por Plínio e suas letras dotadas de *conhecimento*; seria um exagero afirmar que o imperador estava sujeito aos escritos plinianos, mas esteve em contato com elas; vimos também que o poder das letras agiu em diversos momentos e diversas cabeças – Tácito, Plínio, o Jovem Suetônio. Todas estas etapas foram construídas com a figura de Plínio, o Velho e sua História Natural no centro das discussões. Basta deslocarmos o foco para o destinatário da obra que tudo muda. Justamente esta inconstância nas análises do *poder* e do *conhecimento* que proporcionam saberes não atingidos pela constância da *prática* e *teoria* – vistas nos moldes contemporâneos. Se Plínio ocupa a posição de *intelectual da antiguidade* deve muito ao atrevimento em dedicar sua obra a Tito.

Tito, o futuro imperador, destinatário do prefácio epistolar e de toda a obra, esteve diretamente ligado ao poder imperial a partir do ano 70 d.C

quando seu pai, Vespasiano, o colocou como o novo *Caesar*. Salientamos que Tito teve oficializado os títulos de *Augusto*, *Imperator* ou *Imperator Augustus* apenas após a morte de seu pai em junho de 79 d.C. Todavia, Plínio parece adiantar a aclamação de Tito, pois o chama de *iucundissime imperator* (*Praef.1*) e *imperator* (*Praef.6*) em seu prefácio – a publicação da NH é datada entre 77-78 d.C, ou seja, antes da morte de Vespasiano e da posterior sucessão de Tito. Esta discussão foi abordada por Francisco de Oliveira na obra intitulada “Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo” onde o autor apresenta sua visão sobre a possível intenção de Plínio em utilizar o título de *imperator* para Tito:

Em meu entender, neste caso Plínio está a perfilhar algo da oposição antiga entre *imperator* e *princeps*. A intenção será, através da evocação de uma dualidade histórica, alinhar com a ideologia flaviana, interessada em sublinhar a componente militar da nova dinastia como forma de legitimação do poder. Só esta ênfase dada à origem castrense do poder de Vespasiano e, portanto, a recordação do seu triunfo e da sua qualidade de triunfador, me parece poder explicar a sua aplicação também a Tito, numa perspectiva claramente dinástica.¹⁸

A partir deste argumento de Francisco de Oliveira compreendemos que a dedicatória a Tito pode ser estendida a toda “casa flaviana”, daí o não estranhamento em oferecer a NH ao futuro imperador e não ao imperador em exercício pleno. Talvez esta postura possa ser visualizada já na expressão de abertura do prefácio “*Vespasiano Caesari Suo*”, onde Plínio manteria a equivalência e a co-regência de Vespasiano e Tito. Contudo, apesar da complexa terminologia aqui tratada - Plínio também chama Tito de *Tito Caesare imperatore* (*Livro I entre as fontes do Livro II*) – parece-nos que Plínio utiliza mais os critérios de moralidade e utilidade social para denominar os indivíduos do que propriamente teorias específicas de governança. Francisco de Oliveira chega a afirmar que Plínio espelha as preferências terminológicas típicas de sua época não equacionando o problema da melhor designação para o governante ideal¹⁹.

¹⁸ OLIVEIRA, Francisco. Op.Cit., p.93.

¹⁹ OLIVEIRA, Francisco. Op.Cit., p.108.

A possível ausência de critérios na forma de designar o governante não significa que Plínio absteve-se de enumerar características positivas de seu ilustre destinatário. Por mais que levantemos a ideia de uma dedicatória ao “período flaviano” é através do próprio discurso pliniano que distinguimos claramente a figura de Tito como a central. De acordo com Ruth Morello esta apresentação formal feita por Plínio pode nos indicar uma tentativa de interação entre um cidadão destacado e o imperador, pois ao dedicar sua obra a Tito, Plínio deixaria exposto ao público que ambos compartilhavam de um mesmo interesse²⁰. Mais uma constatação da mescla entre os conceitos de *poder* e *conhecimento* no período por nós analisado – e outra amostra da falência da dicotomia *teoria x prática*.

Novamente abrimos um espaço para outra nota: temos que chamar a atenção para a forma de escrita do Prefácio-Epistolar, pois ainda que a construção discursiva deixe explicitada a participação de um destinatário nominado – Tito - que gozaria de interesses em comum com o autor – Plínio - ela também se apresenta adaptável a qualquer tipo de leitor²¹. Esta noção é compreendida quando se leva em consideração o mote central da História Natural, qual seja a natureza enquanto vida vivida. Dessa maneira, as generalizações do discurso pliniano não implicam apenas uma *enumeratio chaotica* dos itens da natureza, mas um claro esforço de instrução moral²² que deveria ser repassado a qualquer um.

Seja interpretação nossa ou a intenção de Plínio o fato é que mesmo com a generalização do discurso a obra continua com a dedicatória a Tito e, mais importante, Plínio fez questão de diferenciar as obras com e sem um destinatário específico, pois isto mostraria a coragem – ou atrevimento? – de quem dedica:

²⁰ MORELLO, Ruth. *Pliny and the encyclopaedic addressee*. In: GIBSON, Roy K & MORELLO, Ruth (org.). *Pliny the Elder: Themes and Contexts*. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.153.

²¹ MORELLO, Ruth. *Pliny and the Encyclopaedic Addressee*. In: GIBSON, Roy K & MORELLO, Ruth (org.). *Pliny the Elder: Themes and Contexts*. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p. 147.

²² “As *natura* is the ultimate subject matter of the *scientia bonorum ac malorum*, the HN does not entail just a mere *enumeration chaotica* of all the items contained therein; rather, one of the main reasons for its encyclopaedic – [*dare*] *omnibus uero naturam et naturae sua omnia* (HN *pref.15*) - scope seems to be an effort at moral instruction”. (PAPARAZZO, Ernesto. *Philosophy and science in the Naturalis Historia*. In: GIBSON, Roy K & MORELLO, Ruth (org.). *Pliny the Elder: Themes and Contexts*. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p. 105).

Não são, em efeito, comparáveis a situação dos que simplesmente publicam livros e a dos que dedicam nominalmente a ti (...) Porque há muita diferença entre [o julgamento] de um juiz designado por sorteio ou pela sua própria seleção, e entre as atenções com um hóspede que foi convidado ou um que apareceu.²³

Juiz escolhido, hóspede convidado. Em outros termos: Plínio escolheu a Tito como receptor primeiro de sua obra. A produção de seu *conhecimento* tinha um alvo específico e, não por menos, dotado de *poder político*. Poderíamos nos perguntar se Tito teria a mesma vontade em *ser escolhido*? Ousamos afirmar que Plínio também teve a mesma preocupação, pois escreveu que se uma obra não fosse diretamente dedicada ao imperador poderia-se questionar o porquê dela ser lida pelo governante (*Praef.6*). Logo, para evitar qualquer tipo de questionamento do destinatário era fundamental que a obra tivesse um direcionamento – ao dedicar a obra a Tito não deixou outra saída para futuro imperador a não ser a leitura da mesma. Notável que esta quase imposição literária seria suficientemente deselegante vinda de um subordinado, por isso vemos em Plínio certa preocupação em apresentar o seu destinatário como um homem das letras, ou seja, capaz de compreendê-lo:

Em nenhuma outra pessoa irradiou tão genuinamente o poder da oratória, a autoridade tribunícia da eloquência! Como um trovão cantas com vigorosas palavras os méritos de seu pai!, e a fama de seu irmão!, quão grande és na poesia! Oh poderosa fertilidade de espírito!²⁴

Estas características de Tito são confirmadas por outros pensadores do século I d.C.: nas letras de Suetônio²⁵, Tito teria uma memória singular; já nas palavras de Tácito²⁶ o futuro imperador seria um viajante e sedento por

²³ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 6*: “*neque enim similis est condicio publicantium et nominatim tibi dicantium (...) sed haec ego mihi nunc patrocina ademi nuncupatione, quoniam plurimum refert sortiatum aliquis iudicem na eligat, multumque apparatus interest apud invitatum hospitem et oblatum*”.

²⁴ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 5*: “*fulgurat in nullo umquam verius dictatoria vis eloquentiae, tribunicia potestas facundiae. quanto tu ore patris laudes tonas! quanto fratris famam! quantus in poetica es! o magna fecunditas animi*”.

²⁵ Suetônio. *De vitis Caesarum, Titus, 3, III*: “*memoria singularis*”.

²⁶ Tácito. *Historiae, II, 2-4*: “*Titus spectata opulentia donisque regum quaeque alia laetum antiquitatibus Graecorum genus incertae vetustati adfingit, de navigatione primum consuluit*”.

curiosidades. Todavia, a mesma dinâmica que se presenciava em Plínio, qual seja a aliança entre as capacidades intelectuais e os afazeres políticos também era percebida em Tito. Para compor a aliança entre *poder* e *conhecimento* não bastava à perfeição da oratória, eloquência e bom espírito, mas a presença no mundo político era essencial. Daí a caracterização que Plínio deu ao destinatário de sua obra:

Triunfador, censor, seis vezes cônsul, associado ao poder tribuno e, principalmente *praefectus praetori*²⁷ de seu pai (...) Tudo isso és para a república. Porém, para nós, és o mesmo que na convivência dos acampamentos, sem que a grandeza de tua fortuna tenha mudado quaisquer coisas em ti, salvo poder fazer todo o bem que quiseses.²⁸

Nota-se neste pequeno trecho que o autor se coloca como alguém que acompanhou o futuro imperador em campanhas militares, pois já o conhecia dos acampamentos²⁹. Talvez aqui seja possível compreender a dinâmica final entre *poder* e *conhecimento* no período por nós analisado: tanto um imperador quanto um literato ocupavam o espaço do outro. Um imperador que recitava, lia e entendia do mundo da literatura, assim como um erudito que chefiava navegações e estava em campo de batalha. Juan Manuel Cortés sintetiza a relação ambígua que muitas vezes se construiu entre o *intelectual* e o imperador na Antiguidade:

Los lazos entre el intelectual y el poder han sido siempre un aspecto de las relaciones político-sociales no definido de manera cierta, lo que ha permitido la existencia de un trato ambiguo por ambas partes en una relación de amor y odio; pues mientras los primeros oscilan entre la torre de marfil y el compromiso político, el segundo sabe que los necesita a la vez que los detesta al considerarlos peligrosos por mor de su actitud crítica.³⁰

²⁷ Era a segunda maior autoridade do Império, pois comandava a guarda imperial – única agrupação militar da urbe.

²⁸ Plínio, o Velho. *NH. Praef. 3*: “*triumphalis et censorius tu sexiesque cônsul AC tribuniciae potestatis particeps et praefectus praetori eius, omniaque haec rei publicae – et nobis quidem qualis in castrensi contubernio! nee quicquam in te mutavit fortunae amplitudo nisi ut prodesse tantundem posses ut velles*”.

²⁹ Tito esteve como tribuno militar na Germania entre 57-59 d.C acreditamos que o encontro dos dois indivíduos se deu nesse período.

³⁰ CORTÉS, Juan Manuel. *Notas sobre la politica educativa de los Flavios y Antoninos*. Periodico Habis 26, 1995, p.165.

Não nos esqueçamos que a figura central do *poder* estava rodeada por *intelectuais* que respondiam e propagavam as ideias e ideologias vigentes no período. As mesmas mãos que ora legitimavam os discursos poderiam esvaziar o sentido dos mesmos noutro momento. Acreditamos que nossos argumentos proporcionam reflexões para aqueles que imaginavam a díade *poder/conhecimento* nos moldes simplistas que aliam prontamente o *poder* ao imperador e o *conhecimento* às obras literárias. Nota-se que a necessária ligação entre literatura e poder ganha diversos nós nos emaranhados do principado romano.

Concluimos nosso trabalho retomando a dolorosa marca de nossos dias: a progressiva separação entre os indivíduos de ação e àqueles que outrora eram chamados de intelectuais. Um de nossos erros repousa na falta de compreensão de que todo exercício de poder deve pressupor o conhecimento daquilo que se pretende fazer. A *teoria* enquanto exercício do pensar não se assemelha ao comodismo. A *prática* enquanto mero movimento de ação/reação nada tem de transformador. Talvez nossas torres de marfim estejam mais altas do que deveriam, assim como os medos dos homens de ação estejam mais aterrorizantes do que noutros tempos. Fato é que todos nós vivemos as consequências de tamanha separação sem perceber que cada vez mais celebramos coisas que nos afastam de uma possível união.

Recebido em 11/08/2014
Aprovado em 02/09/2014